



Felipe Laraia é o fundador do Seu Barromeu

não precisa de muita coisa. Às vezes, só a mão, você já é sua maior ferramenta de trabalho. Eu não trabalho com aquele torno de oleiro do filme *Ghost*. O meu trabalho é manual. O meu maior investimento mesmo foi o forno. Na época, já tinha muita gente fazendo cerâmica em Brasília, mas não tinha o boom que tem hoje, então não tinha tantos fornos acessíveis”, explica Felipe Laraia.

O resultado do investimento veio logo na primeira feira, em 2019, quando vendeu 80% do seu acervo nas duas primeiras horas. Hoje, Felipe trabalha focado em utilitários de mesa, como copos, xícaras e pratos, e desenvolve suas próprias fórmulas de porcelana e esmaltes. Morando na Asa Norte, o ateliê para os projetos fica em um refúgio ao redor da natureza, no Lago Oeste.

A união dos elementos

Caminho semelhante trilhou Henrique Ervilha Filippelli, 45, fundador do Ateliê Soma Cerâmica (@somaceramica), localizado na 216 Norte. O encontro com a cerâmica aconteceu por acaso, enquanto procurava um espaço de modelo vivo para exercitar o desenho. “Entrei na cerâmica quando estava procurando um modelo vivo para praticar. Acabei encontrando, por acaso, o ateliê do Paulo de Paula, que, hoje, é um grande amigo e foi quem me apresentou às possibilidades da cerâmica. Até então, não sabia que a escultura, que era um universo que eu já conhecia, poderia ser queimada e se transformar em uma peça de cerâmica”, relembra Henrique.

Contudo, dominar a cerâmica exige respeitar rigorosamente a natureza e a física dos materiais. O ofício depende do equilíbrio harmônico entre quatro elementos primordiais: terra, água, ar e fogo, em um processo rigoroso que não aceita atropelos. A terra fornece a matéria-prima base por meio de massas tratadas e enriquecidas para adquirir resistência, cores específicas e suporte às altas temperaturas. O fogo entra como elemento que consolida a transformação, pois sem a queima planejada e controlada pelo ceramista, a argila jamais se converte em cerâmica.

Essa dependência dos processos químicos e físicos impõe um ritmo próprio de trabalho e exige paciência. Henrique detalha que o percurso da massa crua à peça finalizada envolve preparação, modelagem, acabamento, secagem, primeira queima em biscoito, esmaltação e segunda queima, exigindo, em média, um prazo de 30 dias para a entrega confortavelmente realizada.

“O que eu tento passar para as pessoas que estão no ateliê é que a relação com o tempo e com a paciência nasce do quanto você gosta do que está fazendo. Se você gosta, entrega-se e não fica esperando apenas pelo resultado final, passa a se concentrar no processo: naquele momento, naquela

Fotos: Arquivo pessoal



Henrique Filippelli é fundador do Ateliê Soma Cerâmica

atividade, naquela ação. A partir daí, você perde um pouco a dimensão do tempo e deixa de precisar ter paciência”, avalia Henrique Filippelli.

Para o ceramista, o trabalho manual é um atrativo justamente pelo fato de se estar em uma época tão voltada para a produção em massa e digital. “Quando estamos com as mãos sujas de massa, fica inviável mexer no computador ou tocar no celular. O próprio contato com a massa faz com que a gente se concentre na atividade e se desligue do mundo”, completa Henrique.



O espaço conta com uma enorme diversidade de peças